

## Contribuição de Paulo Freire ao Estudo do Currículo

Luiz Alberto Boing

BOING, Luiz Alberto. "Contribuição de Paulo Freire ao Estudo do currículo". *in* CENTRO PEDAGÓGICO PEDRO ARRUIPE. [www.pedroarripe.com.br](http://www.pedroarripe.com.br).

### 1. Introdução

Poucos ainda falam em Paulo Freire nos dias de hoje. Nos últimos dez anos não li praticamente nada de sua produção. Foi um autor muito lido e querido quando fazia minha licenciatura. Estudei-o principalmente como um filósofo da educação. Falava da sociedade e de suas relações com a educação. Abordava vários temas unidos pela perspectiva do pobre. Para mim era um educador que pensava em garantir a educação ao maior número possível de pessoas.

Depois de formado, o autor foi fundamental em experiências que foram decisivas para a minha vida profissional. Encarava suas idéias como método de alfabetização e ensino da cultura.

Logo em seguida, apostei muito em Paulo Freire quando estive à frente da Secretaria de Educação no governo do PT, na década de 1980. Aí já era alguma referência para a discussão política que permeava a educação.

Agora, na releitura do texto de Silva, caí na conta de que Paulo Freire possa ter apresentado uma teoria do currículo. Pelo menos é o que, à primeira vista, parece colocar o autor da introdução às teorias do currículo. Isso procede?

Partindo da apresentação do autor feita por Tomaz Tadeu, procuro extrair os principais temas curriculares do pensamento de Paulo Freire para, depois, situá-los no contexto das teorias curriculares dos anos oitenta, quando se percebe, aqui no Brasil, uma valorização dos autores nacionais e hegemonia da perspectiva crítica. Crítica essa que também atingiu Paulo Freire, o que me levou a colocar as principais críticas que, à época, a teoria crítico-social dos conteúdos fazia à obra de Paulo Freire: ficar fechada numa cultura popular, promover uma educação paralela à oficial e não valorizar devidamente a teorização, uma vez que a própria prática passaria a fornecer a referência teórica para o pensamento freireano, segundo tal crítica.

Termino com o auxílio de Giroux e Simon, dialogando com um artigo em que os autores adotam explicitamente temas freireanos como proposta de ensino curricular nas faculdades de formação de professores.

## **2. Como Tomaz Tadeu da Silva apresenta Paulo Freire**

O conceito fundamental que levou Tomaz Tadeu da Silva a colocar Paulo Freire como teórico do currículo foi a sua idéia de *Educação Bancária*. Com essa intuição freireana se faz a crítica aos currículos tradicionais como se estes fossem parte de um sistema bancário parecido com o sistema financeiro. Por educação bancária se entende um modelo de educação em que os conteúdos são depositados na sala de aula pelo professor e depois sacados, com juros e correções, através da avaliação. O aluno recebe os conhecimentos e os devolve ao professor. Assim, ele estuda por causa do professor e não para aprender.

Silva vê Paulo Freire como mais que um mero crítico da educação tradicional. Diz que busca superar o verbalismo, a narrativa e a dissertação vazias, típicas do currículo tradicional. Portanto, além da crítica, diz que Paulo Freire propõe alternativas concretas de ação educativa. Os conhecimentos tradicionais são abstratos. Quando têm alguma correspondência com a realidade, dizem respeito aos conhecimentos das elites e não das populações excluídas. As crianças pobres têm mais dificuldades para aprender porque os conhecimentos não são os próprios de sua classe social. Para os pobres, os conhecimentos escolares são falas vazias de conteúdo. Quando Freire parte da realidade do aluno e de sua condição de classe, de acordo com Silva, oferece um meio concreto de dar-lhe voz, narração e dissertação próprios e cheios de significado.

Para Silva, Freire aproxima-se consideravelmente das teorias fenomenológicas sobre o currículo, mas reconhece que pode muito bem ser entendido como crítico, pois sua noção de cultura supera claramente uma abordagem baseada unicamente no indivíduo. Acredito que a reticência em enquadrar o autor entre os críticos do *status quo* seja a vinculação histórica de Paulo Freire com a perspectiva desenvolvimentista que trouxe dos Estados Unidos, fortemente baseada na superação individual para aquisição de conhecimentos.

Essa é uma dificuldade típica que encontramos quando alguém esboça qualquer modelo classificatório. O livro de Silva apresenta uma tentativa de organização dos

principais teóricos tendo como referência a superação das visões tradicionais de currículo. É evidente que neste grupo teria que entrar Paulo Freire. Mas como as alternativas de Silva são reduzidas à crítica marxista, pós-crítica, fenomenológica, hermenêutica e autobiográfica, realmente fica difícil enquadrar um autor que, apesar das inúmeras referências mundiais ao seu pensamento, nunca deixou de ser periférico em relação às principais correntes de questionamento curricular. Ou talvez porque Paulo Freire não tenha dado ao currículo a atenção desejável para que o mesmo aparecesse com uma teoria específica sobre o currículo.

### 3. Dialogando com o próprio autor

Dois livros de Paulo Freire são fundantes de seu pensamento educacional: *Pedagogia do Oprimido*, publicado pela primeira vez em 1970, e *Educação Como Prática da Liberdade*. Além destas duas obras analisei também outras duas que tratam dos bastidores da produção acadêmica de Paulo Freire e ajudam a entender o contexto em que foram construídos os principais conceitos: *Medo e Ousadia (O Cotidiano do Professor)*, uma conversa com Ira Shor, e *Pedagogia da Esperança*, um livro de memórias do próprio autor.

Relendo esse conjunto de obras com o olhar voltado para o currículo, para minha surpresa, encontrei várias referências explícitas a este campo de estudos, pelo menos no conceito mais amplo como currículo pode ser entendido nos dias de hoje. Eis algumas idéias.

Realmente, a **concepção bancária**, é a idéia-força que coloca Paulo Freire no campo curricular, como apresentou Silva (2003). Freire assim define o seu conceito de educação bancária:

*Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a “concepção bancária da educação”, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.<sup>1</sup>*

Mas o autor não se restringe à crítica da escola tradicional e dos conhecimentos bancários. O antídoto para a educação bancária encontramos na sua **concepção**

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 66.

**problematizadora.** O ato mesmo de questionar os conteúdos escolares tradicionais leva à libertação dessa opressão imposta pela educação hegemônica. Problematizando os conteúdos propostos é possível desvendar a ideologia por trás das palavras. Um exemplo dessa problematização pode-se ver na palavra inventada por Freire: *suleá-los*, que poderia ser aplicada tanto quanto *norteá-los* ou *orientá-los*, pois todos os termos se referem a pontos cardeais e a escolha do mesmo pode reforçar uma ou outra ideologia.<sup>2</sup>

A postura do professor é fundamental na pedagogia freireana. Baseia-se no **diálogo**. Este, no entanto, não acontece somente na presença dos alunos. Parte importante do método dialógico de Freire, e que diz respeito diretamente ao currículo, inicia-se na busca do conteúdo programático, como diz o próprio autor:

*Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos – mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada<sup>3</sup>.*

Não se trata apenas de um diálogo de pessoas, mas de culturas. Nesse sentido, Paulo Freire toca diretamente em questões que, nas concepções mais amplas e atuais, dizem respeito ao currículo. Mais do que um mero procedimento democrático, o diálogo abre espaço à cultura popular. Permitindo que passe pela estruturação escolar, tal cultura passa a ser valorizada e validada perante a sociedade.

Mas não é a simples passagem de um conteúdo popular pela escolar que garante a sua validade ou valorização. Pelo contrário, o mais comum é a estrutura escolar abafar a cultura popular por processo que Freire chama de **cultura do silêncio**. Shor (1986) conceitua a cultura do silêncio e vai além, associando à mesma, principalmente no contexto norte-americano, o problema da violência:

*A cultura do silêncio a que me refiro tem várias dimensões, inclusive uma reação agressiva dos alunos (...). A pedagogia oficial os constrói como personagens passivos-agressivos. Depois de anos em aulas com soníferas falas professorais, muitos se tornaram não-participantes (...). Esse retraimento do estudante pode ser simplesmente passivo ou pode ser um raivoso silêncio reprimido.<sup>4</sup>*

---

<sup>2</sup> Explicação mais detalhada pode ser encontrada nas notas de **Pedagogia da Esperança**, organizadas por Ana Maria Araújo Freire, mais especificamente na nota 15.

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, p. 98.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e Ousadia (O Cotidiano do Professor)**, p. 148.

Na forma como vem exposta, a cultura do silêncio denuncia a via de mão única que acontece na execução do currículo escolar. Determinados conteúdos são privilegiados em detrimento de outros que são calados.

Como é próprio de Paulo Freire, sua pedagogia propõe uma ação concreta para dar voz à cultura popular quase sempre esquecida nos currículos: são os **temas geradores**. Através deles o professor pode estabelecer relações concretas entre o grupo de alunos e o conteúdo programático. O autor explica:

*O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus temas geradores*<sup>5</sup>.

Trata-se de um levantamento do universo temático ou temática significativa para que o professor possa contextualizar adequadamente o seu conteúdo programático. Essa investigação, mais ampla, muitas vezes fica empobrecida quando voltada apenas para a escolha das palavras geradoras. Apesar de terminologicamente aproximadas, os temas geradores diferem ligeiramente das palavras geradoras. Os primeiros dizem respeito ao conteúdo programático e o segundo é específico de uma fase do método de alfabetização construído por Paulo Freire.<sup>6</sup>

Finalmente, rompendo as fronteiras metodológicas da alfabetização em si, Paulo Freire orienta a que se estabeleçam **círculos de cultura**. São reuniões regulares e freqüentes com as pessoas já alfabetizadas para que avancem no processo de letramento e cresçam em consciência política. O incremento desses círculos nos cursos específicos de alfabetização de jovens e adultos resultou no questionamento curricular de inúmeros projetos de educação popular assumidos por estabelecimentos de ensino convencionais, como foi o caso de inúmeros cursos noturnos promovidos pelas escolas católicas, como pude informar-me com diversas pessoas que foram atuantes na área nas últimas décadas.

---

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, p. 103.

<sup>6</sup> O Método de alfabetização de Paulo Freire prevê 5 passos principais: 1) levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalha; 2) escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado com critérios de riqueza fonêmica, dificuldades fonéticas e pragmatismo das palavras; 3) criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar; 4) elaboração de fichas-roteiro para coordenação dos debates; e 5) confecção de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes às palavras geradoras.

#### 4. Paulo Freire e o debate curricular nos anos 1980

Para além de busca de temas curriculares na obra de Paulo Freire, gostaria de discutir a sua figura como teórico da educação que esteve na base de muitos estudos sobre o currículo. Faço um corte para tratar apenas dos anos oitenta para focalizar os trabalhos do autor no pós-exílio, pois suspeito que aí tenha conseguido maior interação, ainda que sob a forma de contestação de seu método de alfabetização, com os currículos dos sistemas formais de educação.

Moreira (1990, p.158ss.) caracteriza o debate curricular no Brasil na década de 1980 sob dois aspectos: de um lado, a predominância de uma perspectiva crítica onde se percebe forte influência de Marx e de Gramsci, e, de outro, a busca de uma produção teórica mais autônoma, procurando desvincular-se dos modelos curriculares norte-americanos adotados durante o regime militar que marcou praticamente as duas décadas anteriores.

Acredito que Paulo Freire respondia, naquela década, tanto à perspectiva crítica quanto ao desejo de um pensamento genuinamente brasileiro.

Saviani (1991, p.70ss.), no capítulo em que trata do pensamento da esquerda na educação da república brasileira, dedica várias páginas para falar especificamente de Paulo Freire. A partir desta leitura dos relatos da *Pedagogia da Esperança*, em que o próprio Paulo Freire nos fala dos bastidores de seu itinerário ideológico, é possível perceber-se pelo menos três fases significativas em sua trajetória: antes, durante e depois do exílio.

Antes do exílio, como mostra Saviani, o pensamento de Paulo Freire, formulado a partir do personalismo cristão, já caminhava para a esquerda marxista, pois o grupo de católicos ligado ao movimento de Paulo Freire desenvolvia várias práticas conjuntas com o Partido Comunista Brasileiro. E o discurso que permitia essa associação era a necessidade de se unir forças e articulação de todos aqueles que tinham a perspectiva do trabalho popular. Por conta dessa aproximação e até confusão que havia entre os vários projetos de esquerda, Paulo Freire foi obrigado a deixar o país logo após o golpe militar de 1964.

No exterior, ele acabou sendo conduzido cada vez mais para a esquerda marxista, apesar de Saviani afirmar que *Pedagogia do Oprimido*, produzida nesta época, ainda não possa ser vista com uma obra marxista, pois sua referência principal ainda continuava a

ser a libertação das consciências individuais, além de conter inúmeras questões ingênuas e idealistas da primeira fase. Mas, no longo período de exílio, Paulo Freire, como todo o pensamento relacionado à educação popular, deixou-se influenciar por vários autores que beberam em fontes marxistas, mesmo sem o serem declaradamente, como mostra Saviani referindo-se a vários autores que tivemos a oportunidade de conhecer durante este curso:

Esta posição vai adquirir força e se alimentar de teorias que, de algum modo, inspiram-se no marxismo, mas não se caracterizam tipicamente como marxistas, e que são posições dos radicais americanos (cf. Bowles e Gintis, 1976) e das teorias do aparelho ideológico de Estado, de Althusse (s/d), da violência simbólica, de Bourdieu e Passeron (1975), e da escola dualista ou capitalista de Baudelot e Establet (1971).<sup>7</sup>

Durante esta fase de exílio, enquanto durou o regime militar no Brasil, todas essas idéias chegavam aqui, mas não tinham impacto significativo nos sistemas oficiais de ensino, visto que a ditadura tinha outra orientação para a educação. Mas o próprio movimento de educação popular achava que o caminho das mudanças educacionais que interessavam à população excluída não passava pelas vias oficiais, mas seguia um rumo alternativo, paralelo e independente do sistema estatal, como uma iniciativa das próprias comunidades trabalhadoras. Assim, apesar de lido e estudado, o trabalho de Paulo Freire não chegava a ser sentido nos currículos oficiais.

Uma mudança sensível aconteceu com o final do regime militar, quando não apenas Paulo Freire, mas muitos outros educadores de esquerda puderam voltar ao Brasil e aqui, aos poucos, foram chegando a níveis mais elevados de poder político conquistado através das urnas. Já se podia falar abertamente sobre as questões levantadas por Paulo Freire e, assim, gradativamente, podemos falar de uma progressiva influência de seu pensamento nos currículos formais. Por isso, acredito que os anos oitenta é que poderão dar a chave da contribuição de Paulo Freire às questões de currículo.

Não tive tempo de realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre este detalhe, mas arrisco sugerir que neste momento pós-exílio, além de apresentar posições mais críticas, o pensamento de Paulo Freire foi difundido com a reverência devida a um pensador, reconhecido internacional, portador de idéias genuinamente brasileiras. Dessa forma, se é verdade o que afirma Moreira sobre a dupla características dos estudos

---

<sup>7</sup> SAVIANI, Dermeval. *Educação e Questões da Atualidade*, p. 73.

curriculares dos anos oitenta – pensamento crítico e brasileiro – não podemos deixar de reconhecer Paulo Freire como base dos estudos educacionais e mesmo especificamente curriculares da década de oitenta, período em que o problema da educação popular deixava de ter um tratamento alternativo para incorporar-se, pouco a pouco, aos sistemas formais de educação.

Contudo, as propostas de Paulo Freire estavam longe de ser unanimidade, nem mesmo no pensamento educacional d esquerda.

### **5. A crítica da pedagogia crítico-social dos conteúdos**

Moreira (1990, p.165) cita os seguintes autores como principais representantes dessa corrente de estudos curriculares: Dermeval Saviani, José Carlos Libâneo, Carlos Roberto Cury e Guiomar Namó de Mello. Como tais autores acabaram seguindo caminhos diferentes já na década de oitenta, vou procurar dialogar unicamente com Saviani, visto que Tomaz Tadeu da Silva, no trabalho que levantou estas questões que venho tratando acerca do pensamento curricular de Paulo Freire, também se resume a Saviani quando apresenta esta teoria educacional.

A tendência curricular crítico-social dos conteúdos, como explica Moreira, tem seu principal foco de elaboração como uma superação da Escola Nova. Esta era associada a visões reacionárias, cuja ênfase na metodologia comprometeu a qualidade da educação no país. Daí a importância de se resgatar os conteúdos, além de ressaltar a importância da escola básica como transmissora de conhecimentos.

Entrando nos anos oitenta, no entanto, também a linha freireana sofreu duras críticas da teoria crítico-social dos conteúdos, como apresenta Moreira:

A discussão que nos interessa mais de perto e que tem predominado nos anos oitenta é a que os conteudistas têm travado com os autores associados às propostas de educação popular em relação conhecimento escolar. Esta última orientação tem sido por eles acusada de: a) restringir-se ao universo cultural do aluno; b) realçar excessivamente o diálogo e as relações democráticas na sala de aula e não considerar apropriadamente a importância do conteúdo curricular; c) não valorizar devidamente as possibilidades emancipatórias da escola existente; e d) preocupar-se mais com a criação de um novo conhecimento do que com a aquisição do conhecimento existente.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. *Currículos e Programas no Brasil*, p. 167.

O pensamento de Paulo Freire é apresentado por esta corrente de forma reducionista e simplificada como mais um método de alfabetização. Voltado para a população excluída, mas ainda assim uma preocupação metodológica não muito diferente do eixo da Escola Nova.

Para Saviani (1991, p.73-76) a educação popular pecou não apenas por ser alternativa à educação formal, mas, por circular unicamente entre a cultura popular, negar o acesso a conhecimentos socialmente mais amplos e capazes de emancipar a população de sua condição de povo oprimido. Para Saviani, os conteúdos universais são um pré-requisito de reação das classes populares às situações de opressão que vivem desde há muito tempo atrás.

Na verdade, Saviani não nega totalmente a teoria de Paulo Freire, que classifica entre as concepções reprodutivistas. Aliás, também não descarta completamente nem a concepção tradicional de escola, nem a Escola Nova e tampouco a visão tecnicista. Para ele, a concepção histórico-crítica – como algumas vezes ele se refere à teoria crítico-social dos conteúdos – vê todas elas como expressões históricas que retratam um determinado período e cenário (Saviani, p.107s) sobre as quais a visão crítica procura trabalhar, superando. A grande limitação de todo o trabalho de educação popular a partir do pensamento de Paulo Freire, segundo Saviani, é o fato de ser um processo educacional paralelo ao sistema formal, o que, associado ao círculo vicioso da cultura popular, perde grande parte de seu poder transformador. É preciso trazer a discussão para o sistema escolar formal, e, para isso, o pensamento de Paulo Freire carece de teorização, como todos os movimentos de educação popular. Saviani (1991, p.74) diz com todas as letras que a carência de sistematização teórica é flagrante nas tendências de educação popular, pois acreditam que a teoria deve nascer das próprias práticas dos movimentos populares. Então, inclusive nas teorias, tais tendências são insuficientes para pensar a Escola como um todo e, em particular, o currículo.

## **6. Giroux e a atualização dos temas de Paulo Freire**

Evidentemente, parece que a crítica de Saviani – e dos seus – torna-se demasiadamente carregada em determinados aspectos. A forma caricata como alguns representantes da teoria crítico-social dos conteúdos se referem à perspectiva freireana evidencia a simplificação com que tomam o seu pensamento. O próprio Moreira, que estudou as várias tendências brasileiras ligadas aos estudos curriculares, destaca certo

exagero e preciosismo nas argumentações da tendência histórico-crítica em relação a Paulo Freire.

Acredito que não apenas nos idos do final do século passado as idéias de Paulo Freire tenham contribuído para a discussão curricular, mas inclusive nos dias de hoje, onde a pós-modernidade perpassa todas as temáticas educacionais, a atualidade do seu pensamento deve ser considerada.

Giroux é um autor que consegue fazer a ponte entre o pensamento de Paulo Freire e as questões atuais do currículo. Poderia tomar vários textos, mas fico apenas com o capítulo 10 do livro *Os Professores como Intelectuais*, em que trata do *Estudo Curricular e Política Cultural*, escrito em parceria com Roger Simon. Além de fazer uma atualização do pensamento de Paulo Freire ou, no mínimo, sua aplicação aos estudos curriculares, Giroux era amigo pessoal de Paulo Freire. O livro acima é apresentado por Paulo Freire e o texto escolhido faz referência explícita à *Pedagogia do Oprimido*. E Giroux não fala apenas teoricamente da perspectiva do oprimido, pois só conseguiu cursar a universidade graças a uma bolsa de estudos que obteve jogando basquete.

No texto de Giroux e Simon que relembro aqui os autores procuram fazer uma abordagem programática sobre o ensino dos currículos na universidade, entendendo a escolarização como: uma das formas de aquisição de conhecimentos e cultura, mas não a única; período ou local cultural e político capaz de incorporar projetos de transformação e regulação; e forma de organização que constrói e define subjetividades a partir das ideologias e práticas que incorpora.

A partir desse pressuposto conceitual, os autores seguem elencando vários temas práticos que deveriam ser tratados nos programas de ensino de currículo a partir de uma política cultural: a linguagem – que não pode ser entendida apenas como a linguagem escrita, pois excluiria um número razoável de estudantes da discussão acadêmica; as culturas populares e subordinadas – sempre procurando relacioná-las criticamente com os modos dominantes de escolarização; alguma teorização da formação social – os professores necessitam ter certa familiaridade com as teorias sociais, pois estas têm uma interseção clara com as escolhas curriculares; estudos de história – todas as práticas educacionais devem ser entendidas como resultado de um processo histórico relacionado com eventos sociais, econômicos e políticos em disputa; e pedagogia – a preocupação com os materiais e instrução e sua relação com um ideário transformador da sociedade.

Nessas temáticas fica evidente a relação com o pensamento de Paulo Freire e sua aplicação explícita aos estudos curriculares. Bastaria, a meu ver, esta constatação para aceitar uma considerável contribuição de Paulo Freire aos estudos curriculares.

Giroux e Simon, no entanto, não se restringem às temáticas freireanas, mas vão além, propondo caminhos para a viabilidade prática destas perspectivas gerais – o que pode ser entendido como política cultural. Segundo eles, para o sucesso dos conteúdos acima é preciso superar a dicotomia que geralmente se estabelece entre teoria e prática, entre a universidade (voltada para a pesquisa) e a escola básica (voltada para a prática). A teoria deve ser entendida como uma possibilidade concreta de transformação social a partir da educação. O caminho sugerido pelos autores para avançar na superação das oposições tradicionais entre teoria e prática, tendo sempre como plataforma os fundamentos sociais dos estudos curriculares, é o professor (aqui eles se referem ao professor universitário) compreender-se como intelectual que vai além dos próprios interesses.

Ao falar da centralidade do professor no desenvolvimento do currículo, Giroux e Simon lembram muito a *Pedagogia da Esperança*. Sem abrir mão de sua liberdade intelectual, segundo os autores, os professores poderiam cultivar vínculos com os interesses de outros professores através de três mecanismos fundamentais a serem desenvolvidos no ambiente acadêmico: coleguismo, superando o espírito competitivo que é dominante no meio acadêmico e apoiando estruturas organizacionais que promovam a colaboração entre os diversos campos do conhecimento científico; conteúdo do programa, que não deveria ser colocado de antemão, mas construído por grupos de estudos disciplinares que envolveriam alunos da graduação e pós-graduação; e clientela do educador, termo que deve ser banido do trabalho docente, pois, mais do que clientes, os alunos são colaboradores nas suas pesquisas, uma vez que possibilitam aliança com outros grupos com interesses diferentes dos seus.

## **7. Conclusão**

O estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para as questões curriculares levou-me a transitar de um extremo a outro: primeiramente, espantei-me com a referência que Tomaz Tadeu da Silva faz ao autor ao colocá-lo como um teórico do currículo; por último, após a releitura de uma bibliografia historicamente significativa para o meu próprio desenvolvimento profissional, deparei-me com a constatação de vários outros conceitos

não mencionados por Silva, mas que podem auxiliar diretamente o debate sobre o currículo, a escola e a sociedade.

Estive quase a ponto de tomar uma linha diametralmente oposta a esta que desenvolvi. Como, de início, não enxergava claramente Paulo Freire como um pensador do currículo pelo tipo de estudo que dele fiz desde a minha graduação, passando pela militância política e prática profissional, quase enveredei pela negação completa de uma ligação entre o problema curricular e o pensamento genuinamente freireano. Pensava, inclusive, em rebater por completo a abordagem de Silva. No entanto, um maior distanciamento das sínteses de Silva chamou-me a atenção para a ampliação crescente do conceito de currículo. Foi a partir dessa compreensão mais ampla de currículo que consegui perceber que a idéia de *educação bancária*, como afirma Silva, é mais do que suficiente para colocar Freire no rol dos pensadores do currículo. Seguindo o veio aberto, busquei levantar mais questões freireanas ligadas ao problema curricular. Encontrei: concepção problematizadora, diálogo, cultura do silêncio, temas geradores e círculos de cultura.

Como se não bastasse o meu convencimento de uma raiz curricular no pensamento de Paulo Freire, deparei-me com a nota 46 do livro *Pedagogia da Esperança*, em que Ana Maria Araújo Freire chama a atenção para a importância que Paulo Freire dava aos conteúdos programáticos, que deveriam ser elaborados democraticamente com a colaboração dos alunos. Não necessito de mais argumentos. Rendo-me às evidências, procurando incorporar mais uma faceta desse autor que, para mim, já era filósofo, educador, político e, principalmente, humano, capaz de falar de amor e esperança com a mesma firmeza com que lutava contra a ideologia dominante presente nos conhecimentos escolares.

Sinto que as críticas da perspectiva crítico-social dos conteúdos foram demasiadamente duras com Paulo Freire. No entanto, não descarto o papel que tiveram no amadurecimento e superação das ingenuidades contidas, não no pensamento do autor, mas no que faziam seus seguidores.

Para fechar a contento minha defesa, pode-se reconhecer objetivamente a contribuição, procedência e atualidade da teoria educacional elaborada por Paulo Freire seguindo o itinerário de Giroux e Simon. Ainda nos dias atuais sua temática possibilita uma perspectiva de mudança social a partir de uma escola estruturada curricularmente para a inclusão do *oprimido*, entre outras inovações, pois a escola, malgrado todas as

críticas procedentes sobre seus problemas, ainda é uma das poucas *esperanças* que restam às camadas populares.

## **Bibliografia**

- FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***, 4ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. ***Educação Como Prática da Liberdade***, 8ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. ***Pedagogia da Esperança (Um Reencontro Com a Pedagogia do Oprimido)***. Rio de Janeiro: Pa e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. ***Medo e Ousadia (O Cotidiano do Professor)***. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GIROUX, Henry A. ***Os Professores como Intelectuais (rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem)***. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. ***Currículos e Programas no Brasil***. Campinas: Papirus, 1990.
- SAVIANI, Dermeval. ***Educação e Questões da Atualidade***. São Paulo: Libros do Tatu, Cortez Editora, 1991.
- SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. ***Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo***. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.